

Cultura Local

E A TERRA LHES ESTÁ DEVENDO

JOÃO MÁRIO CALDEIRA*

Eu sou devedor à terra

A terra me está devendo

A terra paga-me em vida

Eu pago à terra em morrendo

Serpa é ainda hoje uma terra com personalidade.

Não tanto pela importância do seu património construído, mas sobretudo pelo trato especial das suas gentes.

Existe em Serpa uma particular maneira de estar. Uma sobranceira forma de comunicar. Uma perfeccionista maneira de fazer. Uma nostálgica forma de sentir. Uma fatalista maneira de pensar.

Em Serpa há qualquer coisa de

grandioso e de dramático, um clima de orgulhoso desencanto, um nobre cepticismo no futuro.

Houve qualquer coisa que moldou assim as pessoas desta terra, engrandecendo-lhe a postura perante a vida.

Um passado ainda recente, cenário temporal de grandes dramas ligados à terra e ao seu trabalho, podem talvez explicar este especial comportamento.

Mais do que procurar razões de

* Docente da Escola Preparatória de Serpa

Cultura Local

difícil justificação no velho passado de Serpa com a óbvia, mas pouco conclusiva, teoria da cultura sedimentada pela longa duração da sua história, procuremos ver as coisas com os olhos perdidos na distância.

Basta recuar centena e meia de anos para logo encontrarmos a trama de acontecimentos que nos podem dar uma pista. Eles fazem parte da gesta que os camponeses de Serpa viveram duramente nos campos das grandes casas de lavoura. Aí se desenrolou um drama de sofrimento, mas também cenas de verticalidade e de grandeza que os serpens recordam com orgulho mal disfarçado.

Quando se menciona o garbo do traje dos ganhões, o donaire das ceifeiras e mondadeiras, quando se fala no milagroso fabrico do queijo, nos coros que embalam a região, na ardilosa confecção dos comerres regionais ou na excelência do pão, de mistura com os rumores de um imenso sofrimento, é desse passado que se fala.

Aos camponeses desse tempo, ainda tão próximo, se deve a verdadeira identidade da região.

Em meados de Oitocentos, a maioria das terras do termo de Serpa pertencia à classe aristocrática, mantidas no regime antigo dos vínculos, forma de perpetuar a integridade dos seus domínios. Nessas extensas possessões da nobreza local (só os Condes de Ficalho mantiveram até ao nosso século dezasseis herdades), habitava uma imensa massa hierarquizada de trabalhadores, na maioria das vezes ao serviço de pequenos proprietários, rendeiros de parcelas dessas terras senhoriais.

No decorrer desse tempo tão den-

so, vivido pelos trabalhadores do pressuposto fatalista de que cada um nasce para o que nasce, se consumiram gerações de camponeses, apegados de sol a sol aos trabalhos sazonais das imensas terras de cultivo.

Tempos piores estariam para vir.

Por enquanto a mão-de-obra era absorvida pela procura, a direcção paternalista do proprietário tinha uma dimensão humana, tolerava-se uma pequena exploração de bens de consumo, por parte do trabalhador, na terra do patrão.

O destino de subjugação do assalariado à terra era duro mas raramente o conduzia à fome.

Dormia com a malta, se era solteiro, nas dependências do monte e alta madrugada estava a pé para dar a ração à parelha. Comidas as migas de banha em grandes tachos comuns preparadas pelas mulheres do monte, à voz do encarregado da lavoira, prendia as bestas ao carro e, ainda noite, partia para o campo, de onde só voltava já sol-posto. Um chapelão negro de abas largas cobria-lhe a cabeça, o colete de saragoça castanha sobre a camisa de quadrado miúdo e por cima de tudo a jaqueta forte da mesma saragoça. As calças de cotim metia-as nas botas de bezerro de cano alto e sola cardada. Cobriam-lhe as pernas, cingidas à cintura, os safões de pele, que usava com vaidade. A refeição da manhã, chamada então de jantar, era-lhe levada pelos moços do monte às "folhas" onde lavrava todo o dia. No regresso, acomodados na arramada os animais, comia a ceia geral à roda do lume e depois de dois dedos de conversa, regressava à tarimba de palha, pois que o trabalho recomeçava bem cedo.

Assim vivia se era almocreve. Outro

Cultura Local

ritmo teria o rabadão, o pastor, o porqueiro e seus ajudantes. Assim como o apegão no conserto das alfaias de azinho ou as ceifeiras nos dias tórridos de cem horas. Ou ainda as mondadeiras nas intermináveis searas verdes. Outro ritmo teriam as mulheres do monte na amassadoria do pão para a gente contratada "a comer", ou o roupeiro que fazia o queijo no ambiente morno, cheirando a coalhada.

Mas, qualquer que fosse a ocupação, ninguém fugia ao destino, para todos inevitável, de uma vida inteira de trabalho, circunscrita aos horizontes das herdades.

Entretanto, nas últimas décadas de Oitocentos, alguma coisa vai mudar nos campos do Alentejo.

Em Serpa dão-se os primeiros passos para a exploração planificada da terra em moldes capitalistas.

Os lavradores locais, rendeiros em grande parte de parcelas dos imensos morgadios, empenham-se na luta contra os vínculos que impediam a terra de poder ser transaccionada livremente. É exemplo típico desta luta, o curioso, perseverante e mais tarde poderoso lavrador serpense, João Maria Parreira Cortez que, logo que derrubadas as peias legais com que a aristocracia segurava as terras, pôde alargar grandemente a sua casa agrícola, que gere como empresário.

Iniciava-se, então, na Europa uma época de grande euforia industrial, cujo exemplo mais flagrante é a Exposição Universal de Paris de 1878, que é visitada por João Maria Parreira Cortez.

São os começos de mecanização agrícola, dos adubos químicos, da selecção das sementes, das culturas experimentais.

Começavam em Serpa as primeiras empresas agrícolas.

No horizonte desenharam-se dias de maiores dificuldades para as gentes camponesas.

A mecanização vai dispensar grande parte da mão-de-obra. Seguindo as leis da oferta e da procura, opta-se pelos trabalhadores menos exigentes em matéria de salários, admitindo-se, assim, os "ratinhos" das Beiras e a gente da serra do Algarve. Exerce-se sobre os trabalhadores uma vigilância redobrada com vista a um maior rendimento do trabalho.

Se isto não bastasse, dispara um espectacular aumento demográfico a partir de meados de oitocentos que duplica a população de Serpa em menos de um século. Tudo se complica para a classe trabalhadora, pois que aumenta o número de candidatos aos já reduzidos postos de trabalho e são mais bocas a pedir o que, por vezes, não há.

Instala-se, assim, a crise no seio *"dessa pobre e sofredora gente que leva a vida inteira a mourejar por montes e vales, à calma, à chuva, ao frio (...) na rudeza do labor que a subjuga desde o berço até à sepultura"*, como dizia em 1902, Manuel Dias Nunes, director da revista *"A Tradição"* mas também comerciante local, homem, portanto, conhecedor da situação.

No mesmo ano, no entanto, Ramalho Ortigão, embora pertencendo à intelectualidade mais progressista da época, só parecia ver, do eirado do palácio do Conde de Ficalho, em Serpa, *"em cada madrugada do mês de Junho"*, o espectáculo, com certeza grandioso, dos *"ranchos de ceifeiras, cantando em coros surpreendentes, de penetrantes e saudo-*

Cultura Local

sas melodias conjugadas nos mais complicados efeitos de harmonia e contraponto".

A realidade, no entanto era dura para os trabalhadores, ameaçados constantemente pela precaridade dos postos de trabalho. O já citado lavrador João Maria Cortez, paradigma do empresário de então, deixou bem exposto no seu diário, o espectro do desemprego: "(...) *por se fazerem finos os tosquiadores d'aqui, resolvi pela primeira vez chamar a quadilha de Aldeia Nova. Viva a independência do dinheiro!*". E quando as mulheres das ceifas não comparecerem em Tojosas, na Lobata e Fonte Nova, reivindicando melhores salários, o mesmo proprietário não hesitou em contratar celferos algarvios "*para sair de dificuldades e demoras*".

Mas não se pense que os problemas geravam nos trabalhadores de Serpa falta de rigor no seu comportamento ou no modo de trajar. Os preceitos de uma antiga praxe não deixavam de ser cumpridos. Nenhuma das mulheres das quadilhas de trabalho podia entrar na vila à frente da sua manageira no regresso da jornada, como não ficava bem entrar menos cuidada no seu modo de trajar. Não deixa de ser curioso apontar que o traje de mondadeira incluía dezasseis peças entre o vestuário, calçado, chapéu e atavios.

Ao contemplar os trajes de trabalho desse tempo de dificuldades não se pode deixar de ficar surpreendido, com a aliança prodigiosa entre a funcionalidade e a beleza do seu desenho, produto só conseguido por uma comunidade sensível e culta.

No entanto, a situação desesperada em que viviam os trabalhadores pouco

se altera com o advento da República, apesar do "*pão político*", subsidiado pelo estado.

Hordas de homens e mulheres desempregados começam a deslocar-se aos montes das herdades. Já não vão pedir trabalho mas solicitar a esmola envergonhada.

Alguns abandonam a terra de origem e vagueiam isolados por outras paragens, andrajosos e descalços, dormindo à noite junto aos montes onde mendigam restos de comida. São os "malteses" que as mulheres temem nas curvas dos caminhos ou lavadouro dos rios.

Revoltas permanentes começam a agitar Serpa, com ameaças aos proprietários das terras, que se vêem obrigados a exilgir segurança junto ao Administrador do Concelho. Muitos trabalhadores são presos e deportados para outras regiões. Alguns tentam emigrações inconstantes à procura de trabalho. Começam a implantar-se na região ideologias de cariz marxista e anarquista, acarinhadas pelos camponeses por apontarem caminhos de justiça e liberdade.

Em certos momentos, braços enfiados noutros braços, procurava-se a libertação pelo cante, forma de expressar a revolta ou meio de exorcisar o medo e a desgraça. Dessa necessidade obsessiva de cantar, chegou-se a formas surpreendentes de harmonia coral que ainda hoje tornam famosa a região.

Mas os homens orgulhosos e serenos da terra haviam ainda de sujeitar-se a maiores opróbrios: as "*praças de jorna*", pela Santa Maria de Agosto. Aí, os desempregados, muitos despedidos nesse dia das herdades, submetiam-se à escolha pública feita na praça por novos empregados.

Cultura Local

dores, enfrentando a vergonha de serem preteridos.

Com o 28 de Maio de 1926 e o advento do Estado Novo, a situação entra em ruptura com a chamada "*Campanha do Trigo*".

O incremento do seu plantio traz grandes lucros aos proprietários das terras e enriquece os industriais ligados à mecanização agrícola e produção de adubos químicos. Faz, todavia, entrar em falência os "*seareiros*", pequenos proprietários, que, com a sua "*fome de terra*", se metem a arrotear grandes zonas de mato nas herdades dos lavradores, obtendo resultados que não cobrem as despesas, devido à falta de vocação trigueira dos terrenos desmatados. A monocultura do trigo, por outro lado, dispensa ainda mais a mão-de-obra, e o desemprego continua a alastrar.

A emigração em massa dos trabalhadores para a orla das grandes cidades do sul (e só mais tarde para o estrangeiro) é a tábua de salvação para os que nunca gostariam de deixar a sua terra. A crise arrasta consigo o importante grupo dos prestadores de serviços que sossobram na voragem e se vêem igualmente compelidos a emigrar: os comerciantes, os oficiais dos ofícios, os moleiros do Guadiana.

Os que os deserdaram dos campos, vão agora aproveitar-se da sua força

de trabalho para a produção da nova tecnologia agrícola que substituirá seus braços nas herdades da sua terra.

Serpa fica mais pobre. O seu capital humano mais válido, de mestria comprovada nas tarefas da lavoura e no manéio do gado, assim como nas técnicas do seu rico artesanato, escapa-se, desenraizado, para a cidade.

Nunca a saudade foi tão grande!

A lição do drama ficou em Serpa na memória de todos.

Por isso, Serpa, tem uma maneira particular de ser, que não lhe veio por acaso.

NOTAS:

1 - Ano IV, nº 1 - Serpa, Jan.1902

2 - **ORTIGÃO, Ramalho**, *A Tradição*, Ano V, nº 6,7,8, Serpa, Junho, Julho e Agosto de 1903

3 e 4 - "*Senhores da Terra - Diário de um agricultor alentejano - 1832-89*", **MATOS, A.C.; MARTINS, M.C.Andrade; BETTENCOURT, M.L.**; IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA, Agosto 1982, pág.67



Computadores



Elídio Ferreira

Centro Comercial do Carmo

7800

Beja